



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO**

**CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE ARTES**

**LICENCIATURA EM DANÇA**

**CAMILA LEONARDO QUIRINO DE OLIVEIRA**

**DANÇA DE SALÃO: IMPRESSÕES E PERCEPÇÕES  
SOBRE FORMAÇÃO E PRÁTICA DE ENSINO**

Recife  
2022

CAMILA LEONARDO QUIRINO DE OLIVEIRA

**DANÇA DE SALÃO: IMPRESSÕES E PERCEPÇÕES  
SOBRE FORMAÇÃO E PRÁTICA DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico) apresentado ao Curso de Dança da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Orientador: Prof. Ms. Jefferson Elias de Figueirêdo

Recife  
2022

CAMILA LEONARDO QUIRINO DE OLIVEIRA

## **DANÇA DE SALÃO: IMPRESSÕES E PERCEPÇÕES SOBRE FORMAÇÃO E PRÁTICA DE ENSINO**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo Científico), apresentado ao Curso de Dança da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Dança.

Recife, 04 de maio de 2022.

### **BANCA EXAMINADORA:**

---

Prof. Ms. Jefferson Elias de Figueirêdo – Orientador  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

---

Prof. Esp. Diogo Lins de Lima  
Universidade Federal de Pernambuco (UFPE)

---

Profª Ma. Francisca Jocélia de Oliveira Freire  
Professora-artista-pesquisadora em Dança de Salão

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pela oportunidade de realizar o sonho de ter conhecido a Dança como área de conhecimento e por essa experiência ter acontecido a partir do ingresso na Universidade Federal de Pernambuco, que foi um lugar que sempre desejei e que continuo desejando ter experiências. Agradeço por todas as pessoas queridas (minha base familiar, família Leonardo, família Quirino, amigos e amigas, colegas de trabalho e colegas de profissão) que Ele colocou no meu caminho para me apoiar na jornada que escolhi viver em Recife. Esse suporte favoreceu não só a formação em Licenciatura em Dança e em Dança de Salão, mas o amadurecimento em vários aspectos enquanto pessoa.

Agradeço ao Studio de Danças Aneska França, lugar onde comecei a adquirir conhecimentos e onde iniciei minha formação em Dança de Salão (2018). Neste lugar conheci professoras, professores, dançarinas, dançarinos, com quem tenho aprendido a dançar modalidades deste segmento e a pensar sobre ensino e aprendizagem em Dança, tendo realizado também um dos estágios obrigatórios da graduação e compartilhado sobre os saberes que esse espaço potencializa.

Agradeço a professores e professoras do curso de Dança da UFPE que tiveram empatia nas atividades e discussões em que levei a Dança de Salão. Agradeço também a quem não teve empatia em alguns momentos, pois foi com isso que tive ainda mais vontade de estudar e de estar mais preparada para trazer provocações sobre o segmento no curso.

Agradeço a minha turma por todo o suporte ao longo desses anos de graduação. As trocas que tivemos foram tão essenciais quanto as trocas em sala de aula com docentes. O nosso vínculo foi formado desde o vestibular em 2017 e até o presente momento continuamos nos ouvindo, nos acolhendo e nos fortalecendo nessa experiência de graduação. Agradeço aos estudantes que participaram da oficina que ministrei junto com Bianka Santana na Semana de Dança (2020), a minha amiga e parceira fiel de trabalhos do curso.

Agradeço pelas contribuições das pessoas que conheci, com quem convivo e que fazem parte da comunidade na Dança de Salão, que se tornaram referências para meus compartilhamentos sobre o segmento ao longo da graduação, dividindo comigo suas experiências e seu repertório de movimentos.

Agradeço ao coreógrafo Pedro Nogueira e aos seus projetos culturais desenvolvidos em São João – PE, por me incluir em tudo que realiza, pois foram nessas vivências que me reconheci artista da Dança e com potencial para conduzir saberes nessa área. Também agradeço aos integrantes do grupo de dança (Pé na Roça) que coordena, por todas as danças que dividimos e pela experiência como professora que tive no grupo e que compartilhei em uma das disciplinas de estágio obrigatório.

Agradeço a Daniel Lima, meu namorado e a pessoa com quem tenho tido a oportunidade de aprofundar conhecimentos em modalidades da Dança de Salão em treinos, aulas e eventos que dançamos juntos. Agradeço também à sua família pelo carinho e por torcerem por mim na graduação e na vida.

Agradeço à pessoa que me acolheu no momento mais importante do curso, meu orientador Jefferson Figueirêdo. Jeff, obrigada por ter estado 100% comigo nesse processo de escrita. Hoje sou alguém que representou a Dança de Salão no curso de Dança da UFPE. Você acolheu todas as minhas inseguranças nessa escrita e isso foi essencial para eu conseguir falar e produzir algo sobre como foi para mim levantar sozinha essa bandeira da Dança de Salão no curso.

Agradeço especialmente às mulheres que dividiram suas histórias como professoras e artistas da Dança de Salão: Aneska França, Kamille Carvalho e Rosaly Afonso. Obrigada por todo suporte, por tudo que vocês representam e por tudo que vocês oferecem à comunidade da Dança de Salão de Recife.

Agradeço a todas as pessoas que estudam a Dança de Salão e o ensino de Dança, e que foram referências aqui, foi um prazer dialogar com vocês na escrita do meu trabalho de conclusão do curso de Licenciatura em Dança.

Uma vez que estamos conscientes do que sentimos, do que queremos, do que precisamos, podemos assumir o controle sobre o que fazemos e este é o caminho para que todos fiquem bem e possam aproveitar o melhor da dança, seja curtindo os encantos do salão ou as alegrias de se apresentar! (ZAMONER, 2017, p. 164)

## DANÇA DE SALÃO: IMPRESSÕES E PERCEPÇÕES SOBRE FORMAÇÃO E PRÁTICA DE ENSINO

### BALLROOM DANCE: IMPRESSIONS AND PERCEPTIONS ABOUT TRAINING AND TEACHING PRACTICE

Camila Leonardo Quirino de Oliveira (UFPE)

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo discutir e refletir sobre a formação e a prática de ensino de professoras de dança de salão atuantes no Recife. Para isso, foram utilizados recursos metodológicos de diferentes perspectivas de pesquisa, bibliográfica e (auto)etnográfica. Desse modo, a partir do diálogo com as produções textuais de: Dickow (2017); Prados (2018); Grangeiro (2014); Zamoner (2017); Polezi e Silveira (2017), serão provocadas as discussões acerca de: origem e transformações na dança de salão; formação e atuação das professoras de dança de salão em Recife – PE; atravessamentos entre a graduação em Dança e a formação em Dança de Salão. Com isso, os resultados obtidos apontam que a mulher lida com desafios nesse segmento e que sua presença como professora gera discussões sobre gênero e prática de ensino. A produção também trouxe representatividade para a Dança de Salão no curso de Dança da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE.

**Palavras chave:** dança de salão; ensino; caminhos de formação; formação de professoras; licenciatura em dança.

**Abstract:** This article aims to discuss and reflect on the training and teaching practice of ballroom dance female teachers working in Recife. For this, methodological resources from different research, bibliographic and (auto)ethnographic perspectives were used. Thus, from the dialogue with the textual productions of: Dickow (2017); Prados (2018); Grangeiro (2014); Zamoner (2017); Polezi and Silveira (2017), discussions about: origin and transformations in ballroom dancing will be provoked; training and performance of ballroom dance female teachers in Recife – PE; crossings between graduation in Dance and training in Ballroom Dancing. Thus, the results obtained indicate that women deal with challenges in this segment and that their presence as female teachers generates discussions about gender and teaching practice. The production also brought representation to Ballroom Dancing in the Dance course at Federal University of Pernambuco – UFPE.

**Keywords:** ballroom dance; teaching; training paths; female teachers training; degree in dance.

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo revela-se a partir do surgimento de questões acerca das danças de salão, atravessadas pelas minhas vivências enquanto dançarina, pesquisadora, professora em formação e praticante de modalidades deste segmento, em diálogo também com a observação de outros corpos que dançam nos salões. Desse modo, proponho discutir e refletir sobre a formação e a prática de ensino de professoras de dança de salão atuantes no Recife.

Comumente, a formação e a prática neste segmento de dança estão atreladas a um processo de ensino e aprendizagem que invisibiliza, por exemplo, a diversidade de corpos, e que reafirma padrões estereotipados de movimentos e formas de dançar. Neste sentido, buscou-se caminhar no contrafluxo de uma perspectiva hegemônica de ensino da dança, pois, a concepção pedagógica a qual me conecto está dentro de um contexto horizontalizado de ensino que propõe autonomia aos praticantes.

Sendo assim, a discussão será promovida considerando na literatura contextos históricos e práticas de ensino em dança de salão, a partir das contribuições de: Dickow (2017); Prados (2018); Grangeiro (2014); Zamoner (2017); Polezi e Silveira (2017). Serão problematizados: origem e transformações na dança de salão; formação e atuação das professoras de Dança de Salão em Recife – PE; atravessamentos entre a graduação em Dança e a formação em Dança de Salão.

Além da pesquisa bibliográfica, a pesquisa de caráter (auto)etnográfica também caracteriza o artigo. Dessa forma, é importante registrar que não foi definida uma única abordagem metodológica. Foram considerados os atravessamentos gerados a partir de diferentes modos de desenvolvimento da pesquisa, fazendo uso de literatura existente acerca da temática, de entrevistas, da observação participante e da minha experiência enquanto praticante e estudante das danças de salão. Como estabelece Fortin (2009, p. 83) trata-se de uma investigação da própria prática artística. Pedindo licença à autora, considero também a investigação acerca das práticas educacionais, em consonância com o que diz Fortin ao afirmar: "[...] o praticante pesquisador que se volta sobre ele mesmo não pode ficar lá. Seu discurso deve derivar em direção

a outros" (2009, p. 83). Foi realizada uma entrevista semiestruturada, como instrumento metodológico utilizado para abordar três professoras de dança de salão do Recife; um roteiro com quatro questões guiou o diálogo sobre os processos de formação e de ensino que as professoras vivenciaram.

Apesar do movimento dos cursos de Dança nas universidades, coletivos e eventos artísticos para produzir nesta área, há ainda escassez de material bibliográfico, sobretudo para a dança de salão em Recife. Há pesquisas que contam com a dança de salão como recurso e não como área de conhecimento, ainda assim, algumas produções não são desenvolvidas por acadêmicos em Dança, mas por pesquisadores de outras áreas do conhecimento.

A relevância do trabalho está em entender, refletir e problematizar a atuação das professoras de dança de salão e os caminhos de formação para este segmento de dança. O trabalho se propõe a potencializar a formação artístico-pedagógica do movimento da dança de salão em Recife e contribuir para a produção bibliográfica deste campo na Licenciatura em Dança. A escassez de trabalhos acadêmicos sobre a dança de salão enquanto área de conhecimento em Recife é o que impulsiona e motiva a tentativa de documentar histórias de quem vive essa representatividade na cidade.

## **2. DANÇA DE SALÃO: DIFUSÃO E TRANSFORMAÇÕES**

A dança de salão é uma das mais antigas atividades de expressão e há registros de suas contribuições na história da dança. No século XV – período renascentista – os espetáculos de dança chegam aos salões dos palácios, e, a dança de par passou a integrar as comemorações (LIMA, 2018, p. 11). Assim, há muitos registros da popularização da dança de salão iniciando com a prática nos palácios e se difundindo por toda a Europa; mas ela também acontecia, ao mesmo tempo, em outras partes do mundo.

Sobre a historicidade do segmento, a artista-docente da Dança e pesquisadora em Dança de Salão Kátiuska Dickow, comenta:

A Dança de Salão é uma atividade com um processo histórico que contabiliza mais de cinco séculos de acontecimentos e que pode ser considerada uma das modalidades de Dança que mais se

manteve durante o passar dos anos e das mudanças culturais e conceituais do nosso e de outros países (DICKOW, 2017, p. 122).

Observa-se que a prática de dança em pares nos salões de corte influenciou o nome desse segmento de dança. “Também com o título de tratamento de danças sociais, o termo faz referência à troca de pares, característica que possui desde o seu surgimento” (OLIVEIRA; SANTOS; SIQUEIRA JÚNIOR, 2021, p. 3). Com isso, o termo *dança de salão* carrega essa historicidade e representa algumas modalidades dançadas em companhia que foram surgindo ao longo do tempo, em vários lugares do mundo.

Após as danças sociais passarem a ser praticadas nos salões, sua notoriedade contribuiu para que fizessem parte da educação da nobreza (PRADOS, 2017, p. 11). A partir do século XIX, “[...] a dança de salão, denominada genericamente como danças sociais, executada aos pares, em bailes, ou reuniões” (ALMEIDA, 2005, p. 129) deixou de ser prática exclusiva da elite e passou a ser uma prática para todas as pessoas.

As danças sociais, além de corresponder a todos os tipos de dança de par, inclui também danças folclóricas e danças de roda, tendo como principal característica a interação social entre os participantes (GRANGEIRO, 2014, 59-60). Além de favorecer as relações, este segmento contribui para a experimentação e apreciação da dança junto ao corpo da outra pessoa.

A origem do segmento dança de salão aparece bastante ligada à cultura europeia, pelo reconhecimento que essa prática teve no reinado de Luís XIV. No Brasil, com a vinda da Família Real em 1808, apresentam-se novos costumes e práticas sociais com influências europeias, incluindo a dança de salão (PAULA, 2008, p. 17). Os povos africanos que chegaram ao Brasil, no mesmo período que a Família Real, também disseminaram sua cultura de dança de par. Após o segmento ter se instalado e agregado admiradores e praticantes, “[...] no Brasil sua marca de modernização assimilou muito da cultura africana” (GRANGEIRO, 2014, p. 46).

Na contemporaneidade, utilizam-se os termos *dança de salão* e/ou *dança a dois*, para se referir às modalidades de dança de par, como: Tango, Bolero, Soltinho, Forró, Samba de Gafieira, Salsa, Zouk, Bachata, Kizomba; sendo o termo *dança de salão* mais utilizado por estúdios e escolas de dança. As

modalidades do segmento são dançadas por pares que dividem propostas de movimento, em salões e espaços de dança.

Nos ambientes em que se dança a dois, podem ser encontradas pessoas que frequentam aulas de dança de salão e pessoas que dançam socialmente sem frequentar aulas. Sobre as transformações em relação aos locais onde as danças em pares acontecem na atualidade, a pesquisadora em Dança de Salão Maristela Zamoner (2017) comenta que: “[...] os salões são extremamente variados e novos espaços de dança surgem a cada dia, exigindo de quem os frequenta, a capacidade de reconhecer as alterações e adequar o seu comportamento” (p. 14).

A dança de salão era direcionada apenas à dama e ao cavalheiro, o que evidencia a heteronormatividade<sup>1</sup> no segmento, desde que surgiu. Ainda hoje os termos *dama* e *cavalheiro* são utilizados pela comunidade da dança de salão, atribuindo o papel de pessoa condutora ao homem e o papel de pessoa conduzida à mulher. É importante que a dança de salão acompanhe as transformações sociais, contemplar a diversidade que se apresenta na sala de aula é uma oportunidade de ressignificar o dançar a dois.

O avanço das discussões sobre identidade de gênero na dança, assim como as mudanças comportamentais que acompanham esse processo, sugerem a desconstrução da imposição da heteronormatividade na formação de pares e na maneira de dançar. Contribuindo, assim, para que as pessoas dancessem juntas as modalidades da dança de salão, sem que os moldes tradicionais em que ela foi criada as impeçam de viver experiências a partir das possibilidades que pode oferecer; seja para apreciar, dançar ou ensinar.

## 2.1 Ensino da dança de salão

Nas cortes, em meados do século XV, havia dançarinos detentores de técnicas de dança de par que ficavam responsáveis por ensinar a dança aos

---

<sup>1</sup> A heteronormatividade corresponde à imposição social dos comportamentos designados ao gênero feminino e ao gênero masculino. Para saber mais sobre a heteronormatividade no contexto da dança de salão, leia:

FREIRE, Francisca Jocélia de Oliveira; ACCIOLY, Cecília Bastos da Costa. **Em questões de gênero e normatividade, quantos passos avançamos no salão?** Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/25827>.

frequentadores dos bailes, eles eram chamados de *mestres de baile*. Sobre estes profissionais que marcam o surgimento da profissão de docência em dança de salão, a artista-docente da Dança e pesquisadora em Dança de Salão, Vitória Prados, acrescenta:

Os mestres de baile representam um legado importante na construção do que hoje se concebe como dança de salão. Cada mestre de baile utilizava de uma simbologia, de uma notação específica que caracterizava sua prática. Foram os pioneiros dos escritos, imagens, representações e as informações que sustentam as práticas desenvolvidas atualmente (PRADOS, 2017, p. 20).

O ensino da dança de salão envolve uma série de conhecimentos em práticas técnicas e artísticas. Além disso, há elementos que compõem o processo de ensino da dança de salão, como: pedagogia e didática da dança; história e geografia; cultura e tradição; aspectos corporais e psicológicos. Ao longo do tempo, observo que desenvolveram-se dois caminhos por meio do ensino desse segmento, como: o de dançar socialmente e o de profissionalização (formando pessoas para atuar dançando e/ou ensinando).

Comumente, quem deseja ensinar dança de salão tem as primeiras experiências na condição de aprendiz, auxiliando a prática de ensino de uma pessoa formada e com carreira consolidada no segmento. Não basta saber dançar, é necessário estudo e investigação para compreender a prática e, assim, poder ensinar. “É preciso um preparo mais amplo, que vai muito além do conhecimento de alguns passos [...]. Estes conhecimentos devem ser adquiridos ‘antes’ de abrir uma turma e assumir os riscos advindos da falta deles” (ZAMONER, 2017, p. 117).

O método de ensino de dança de salão tende a ter foco na reprodução de figuras<sup>2</sup> tradicionais do segmento. Porém, é importante mencionar que, após determinado tempo de prática, a partir das figuras já existentes e da consciência corporal adquirida, surge a possibilidade de novas figuras serem criadas por quem dança. A capacidade de criação é uma etapa do amadurecimento de aprendizagem em dança de salão. “É preciso [...] orientar uma prática de dança

---

<sup>2</sup> Figuras são movimentações específicas de modalidades da dança de salão. Exemplos de figuras: “chuveirinho” (no Forró); “puladinho” (no Samba de Gafieira); “chapéu” (no Bolero).

que venha [...] provocando um processo de ensino de dança que vai além de realizar movimentos” (GRANGEIRO, 2014, p. 51).

Há escolas de dança de salão que têm a sua própria maneira de formar professores. Dickow (2017), no trecho abaixo, explica esse caminho mais comum de formação (empírica), que coincide com processos formativos vividos por professoras e professores em Recife:

Existem algumas escolas que oferecem uma formação para sua equipe de professores, [...] baseado em uma metodologia ou conceito criado pela própria escola. A Dança de Salão não possui uma metodologia estabelecida e registrada, o que faz com que as escolas e os professores envolvidos no processo, criem e formulem uma maneira própria de trabalhar (p. 123).

Apesar de cada profissional e instituição de ensino atuar à sua maneira, o planejamento da aula de dança de salão – em formações de curta ou longa duração –, geralmente têm em comum etapas como: **aquecimento geral** (preparação da musculatura conforme a proposta a ser trabalhada), **aquecimento específico** (movimentações básicas executadas individualmente) e, em duplas, **aprendizagem de figuras** e **dança livre**, com orientação de trocas de pares. Além disso, são indicadores básicos para ensinar o dançar a dois, em qualquer modalidade: postura, equilíbrio, contato e posição de dança<sup>3</sup>.

Rudolf Laban, um dos maiores estudiosos do movimento, estabeleceu quatro *fatores de movimento*<sup>4</sup>, que podem ser identificados no ensino da dança de salão. Contagem e/ou estratégia de marcação para se manter numa referência de velocidade exemplificam o fator **tempo**. Iniciação a movimentos e figuras, com indicações de transferências de peso para determinadas partes do corpo, caracterizam o fator **peso**. Execução livre ou controlada de movimentos aéreos e acrobáticos caracterizam o fator **fluxo**. O fator **espaço** está presente a

---

<sup>3</sup> A posição de dança é uma das formas de conexão entre pares. Pode ser caracterizada por determinados tipos de abraço (utilizada em modalidades como: Tango, Bolero, Samba de Gafieira, Kizomba) ou por mãos dadas, estando as pessoas posicionadas uma de frente para a outra (como o Soltinho). Em algumas modalidades (Forró, Salsa, Bachata, Zouk) é comum considerar as duas possibilidades na dança.

<sup>4</sup> Sobre os fatores do movimento, sugestão de leituras: *Domínio do Movimento*, obra de Rudolf Laban, e *O corpo em movimento: o sistema Laban/Bartenieff na formação e pesquisa em artes cênicas*, obra de Ciane Fernandes.

todo momento: no lugar que cada pessoa tenha na posição de dança, no ambiente e partes dele em que os pares dançam.

O segmento também oferece a integração em um grupo social: a comunidade da dança de salão, formada pelos seus praticantes. Além da vivência em sala de aula, a prática extra-classe é sugestiva, incentivando praticantes a frequentar bailes e eventos de escolas, espaços de dança social, para experimentar os saberes adquiridos nas aulas; e, conseqüentemente, levar mais pessoas a conhecer modalidades da dança de salão.

O professor, coreógrafo e pesquisador em Dança de Salão Marcelo Grangeiro afirma que é necessário ampliar possibilidades de pensamento sobre o mundo que vivemos, para depois, poder ampliar a visão sobre o ensino e a aprendizagem deste segmento para contextos reais e atuais (GRANGEIRO, 2014, p. 54). Quem ensina, precisa ter uma prática que não reproduza condutas opressoras e formatos excludentes. O ideal é que a experiência seja positivamente marcante para todas as pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem em dança.

Percebe-se a necessidade de disseminar novas experiências no ensino da dança de salão, algumas práticas já estão sendo aplicadas por professores e professoras, apresentando resultados significativos (SILVA, 2014, p. 28). Propor uma maior conexão através do abraço, além das posições convencionais de dança, troca de papéis e formação de pares livre de estereótipos heteronormativos são caminhos para quebrar paradigmas na dança de salão impostos no passado; propondo ressignificações no momento atual.

### **3. A MULHER NA DANÇA DE SALÃO**

Historicamente, a mulher protagoniza uma narrativa de luta por representatividade em vários contextos da sociedade. Não foi diferente no contexto da dança. O enfrentamento de situações de proibição, censura e preconceito em relação à participação da mulher também aconteceu, sobretudo, na dança de salão. A professora licenciada em Dança Suzanne Silva comenta que, no século XIX, só era permitido à mulher fazer aulas particulares de dança de salão para fins específicos (interagir com o gênero masculino nos bailes da corte é um exemplo) e complementa:

Por essa razão a presença da mulher nesse período foi escassa [...]. Pouca coisa mudou para as mulheres até o início do século XX, onde já se tinha a prática de dança de salão tipicamente brasileira considerada indecente para os valores morais da época. Essa realidade só veio mudar após a segunda metade desse século, quando as mulheres gradativamente conquistaram a liberdade necessária para a prática da dança de salão (SILVA, 2014, p. 13).

Tendo a mulher conseguido a liberdade para praticar a dança de salão, após a segunda metade do século XX, depara-se ainda com a etiqueta dessa prática social. Um dos principais requisitos era a mulher esperar ser convidada por um homem e, assim, na companhia dele chegar ao salão de dança. Observa-se que essa etiqueta é replicada até os dias atuais na comunidade da dança de salão, porém, não sendo mais um requisito primordial como nesse período.

Mesmo hoje havendo formação de pares por pessoas do mesmo gênero, não é uma prática comum. Quando há, na maioria das vezes, são pares formados por mulheres. Mas, ainda assim, têm mulheres que não consideram essa formação de par ideal e têm as que concordam com a formação, mas questionam: “Você vai fazer o homem?”. Algumas mulheres levantam essa questão para deixar entendido que não conseguem propor movimentos, outras por estarem condicionadas a esperar ser convidadas e se submeter às propostas de movimentos de homens, sem reconhecer a própria individualidade e maneira de dançar.

Antes executada em pares, como um tipo de cortejo entre mulheres e homens, a dança acontecia sem abraço. Foi na corte austríaca e alemã que o abraço na dança surgiu, a primeira modalidade a utilizar essa configuração de contato entre os pares foi a valsa; num abraço de dança a mulher e o homem passaram a contar com a interação um do outro para executar os movimentos (GRANGEIRO, 2014, p. 60).

A questão do abraço favoreceu protagonismo a cada pessoa da dupla, ao sugerir caminhos à mulher e ao homem para dançarem juntos nessa posição de dança; contribuindo para o reconhecimento do papel de cada pessoa da dupla. Com essa nova configuração de dança de par, havia duas perspectivas no abraço da dança: a perspectiva da mulher e a perspectiva do homem. Observa-

se que, diante disso, mesmo de maneira não intencional, abriu-se a possibilidade de a mulher ensinar dança de salão e não só o homem.

A suíça Louíse Frida Reynold Poças Leitão, mais conhecida como Madame Poças Leitão, foi uma das mulheres pioneiras no ensino de dança de salão e, considerada pioneira também no ensino de dança de salão no Brasil. Madame Poças Leitão “[...] deixou a Suíça em 1914 e veio para o Brasil fundar a ‘Escola de Danças e Boas Maneiras’ [...]. Ensinava danças [...] como o Tango e a Valsa” (COSTA, 2013, p. 15-16). Com atuação em São Paulo, a Madame optou por não ensinar modalidades brasileiras, mantendo seu diferencial no ensino de dança de salão e boas relações com os concorrentes.

Uma das primeiras professoras brasileiras de dança de salão foi Maria Antonieta Guaycurus de Souza – que também atuava em parceria de dança com o professor Carlinhos de Jesus. Em meados de 1970, iniciou sua carreira na docência do segmento no Rio de Janeiro, na escola Chiquinha Gonzaga, da qual era proprietária na época (COSTA, 2013, p. 15-16). Maria Antonieta também foi professora de Jaime Arôxa, outra referência na docência em dança de salão.

Grangeiro (2014, p. 121) expõe que a dança de salão não necessita mais ficar atrelada a conceitos herdados historicamente, que um dia foram inovadores, mas que hoje requerem adaptações. A docência em dança de salão foi atividade restrita, (como no ensino pelos mestres de baile, no século XV), mas passou a ter professoras e professores na profissão. A presença da mulher como professora é uma quebra de paradigmas no percurso histórico do segmento. Hoje, a importância está em disseminar a cultura da dança de salão, criar oportunidades dentro do segmento e, como afirma Zamoner (2017, p. 78) “reduzir oportunidades para o preconceito”.

As professoras-pesquisadoras em Dança de Salão Carolina Polezi e Paola Silveira trazem questões sobre a presença de homens e mulheres no segmento e em como isso reflete na prática e no ensino:

A reflexão sobre esses lugares do masculino e feminino na dança são fundamentais para pensarmos outras estratégias de prática e, sobretudo, de ensino, de forma a romper com os padrões culturais dominantes e utilizar a dança como veículo de igualdade de gênero e superação de preconceitos, uma vez que essa atividade é social e amplamente difundida (POLEZI; SILVEIRA, 2017, p. 71).

Pelos desafios que mulheres tiveram de lidar – e continuam lidando – ao atuar com docência em dança de salão, há professoras tentando construir oportunidades igualitárias no segmento, em ambientes de produção do conhecimento empírico e acadêmico. “Hoje, no geral, a maioria das mulheres encontrou espaço para exporem suas opiniões e vontades. E isso é refletido diretamente no papel que a mulher deseja desempenhar na dança de salão” (WITTMER, 2017, p. 16).

Dentre os caminhos pensados por professoras para estabelecer relações de igualdade na dança de salão, apresenta-se: a **dança de salão queer** (por Paola Silveira) e a **condução compartilhada** (por Carolina Polezi). A primeira proposta busca desconstruir o padrão de gênero estabelecido pela sociedade, a segunda proposta busca empoderar a mulher. As duas perspectivas “[...] trazem alternativas a uma conduta desigual já estabelecida [...], de modo a buscar uma nova política do tocar que possibilite outras formas de vida e relações de poder [...]” (POLEZI; SILVEIRA, 2017, p. 80).

Considerando as barreiras que existiram e existem na história da dança de salão sobre a presença da mulher no segmento, a professora na sala de aula impacta de muitas maneiras. Representando novas perspectivas não só sobre o ensino de dança de salão, mas em outras dimensões da vida social, como o ato de respeitar as escolhas das mulheres sobre quem desejam ser, quais lugares querem ocupar e como querem representar a sociedade.

### 3.1 Formação e atuação de professoras em Recife

De acordo com o Mapeamento da Dança, coordenado pela professora-pesquisadora em Artes Cênicas Lúcia Matos e a professora-pesquisadora em Comunicação e Cultura Giselle Nussbaumer, em Recife há uma diversidade de espaços de dança, incluindo a dança de salão. “Além disso, destaca-se a importância de festivais e mostras da cidade como espaços de formação [...]” (MATOS; NUSSBAUMER, 2016, 857 - 858). Dentro da categoria de mostra

coreográfica na cidade, o projeto Dançando na Rua<sup>5</sup>, por exemplo, mostra-se como um verdadeiro celeiro de artistas, coreógrafos e grupos de dança de salão.

Comecei a observar e estudar o campo, a forma como é desenvolvida a dança de salão em Recife, em 2018. Ao observar e participar de aulas de dança de salão ministradas por algumas professoras, conhecer suas estratégias metodológicas e perspectivas sobre o ensino, pensei: como foi o processo de formação e quais as percepções que as professoras têm sobre a prática de ensino em dança de salão? Assim, resolvi desenvolver essa pesquisa, a fim de discutir impressões e percepções sobre a formação e a prática de ensino, entrevistando três professoras de Recife – Aneska França, Kamille Carvalho e Rosaly Afonso – que possuem carreira solo consolidada na dança de salão; em diálogo com as minhas vivências enquanto praticante e pesquisadora participante.

Essas mulheres são artistas da dança, coreógrafas e professoras que dão aulas de modalidades da dança de salão e de outros segmentos de dança em escolas e eventos. Também se dedicam à preparação técnica e artística para competições, mostras coreográficas, aulas particulares, festivais e congressos de dança em várias regiões do Brasil, além de buscar experiências no exterior.

Aneska França é graduada em Biologia, tem especialização em *Morfologia Humana e Dança e Consciência Corporal*; sua carreira artística conta com formação em Balé Clássico, Danças Folclóricas e Dança de Salão. Kamille Carvalho é graduada em Marketing Organizacional, e é Analista de Marketing em uma instituição do ramo Fitness; sua carreira artística conta com formações em Teatro, Danças Tradicionais Pernambucanas e Dança de Salão. Rosaly Afonso tem formação e carreira artística em Danças Tradicionais Pernambucanas e Dança de Salão.

Abordando aspectos que fazem parte do contexto da dança de salão, as professoras expressaram suas perspectivas sobre processos que consolidam a dança de salão como área de estudos e de atuação na região, movidas pelas seguintes questões norteadoras: 1) *Como aconteceu a sua formação em dança*

---

<sup>5</sup> O projeto Dançando na Rua é coordenado pela professora de Dança de Salão Andréa Carvalho e conta com apresentações ao ar livre, em espaço montado no bairro Recife Antigo. Para saber mais, leia:

DANÇANDO NA RUA DO RECIFE. **Na ponta do pé.** Disponível em: <https://www.napontadope.com/dancando-na-rua-do-recife/>.

*de salão?; 2) Como é ser professora de um segmento originalmente heteronormativo como a dança de salão?; 3) Sem a participação de parceiro ou parceira, quais as estratégias metodológicas que costuma utilizar para ministrar aulas de dança de salão?; 4) Ao ser contratada por um espaço para ministrar aulas, o que é necessário para comprovar a habilitação em dança de salão?*

Os processos de formação pelos quais as professoras passaram, marcam a identidade que adquiriram na docência em dança de salão. Quem ensina, um dia foi aprendiz, e suas formas de ensinar encontram-se atravessadas pela experiência que viveram (ACSELRAD, 2011, p. 6). E, apesar de cada uma delas ter chegado de uma maneira diferente na dança, suas vivências se conectam pela carreira profissional que cada uma construiu no mesmo segmento (dança de salão) e na mesma localidade (Recife).

Houve quem sempre sonhou com uma carreira na dança, quem pensou em se profissionalizar a partir de um determinado momento e quem nunca tinha pensado na dança de salão como profissão. Essas formas de pensar sobre a carreira, estavam, e ainda estão, em alguns casos, associadas principalmente com apoio familiar e financeiro, recebidos ou não, para investir na profissionalização. A vivência com a comunidade da dança de salão, em muitos casos, pode ser o que mais incentiva ou o único incentivo para que profissionais se formem nessa área.

Para a questão norteadora 1, que abordou processos de formação na área, houve respostas em três perspectivas: experiências com a dança, experiências com dança a dois, e ingresso em escolas de dança de salão. Além da formação em dança de salão, também foram mencionadas vivências com dança que antecederam os estudos nessa área. E, após a inserção, relataram como o segmento começou a ser uma possibilidade de carreira em suas vidas.

Dentre as experiências com dança a dois – e com outros segmentos de dança –, foram mencionadas vivências em: grupos de dança na educação básica, grupos de danças populares e eventos de dança social (festas familiares e festas públicas/privadas). Outra vivência mencionada foi a apreciação de programas de televisão em que a dança estava presente, sobretudo a dança de salão, como no quadro “Dança dos Famosos”, por exemplo; sendo também uma influência para o aprofundamento nesse segmento.

O ingresso em escolas de dança de salão aconteceu da mesma forma para as três professoras, por meio da aprovação em audição de bolsistas – situação bastante recorrente entre os espaços de ensino da dança de salão em Recife. A condição de bolsista, pode ou não, estar associada a uma formação profissional em dança. Mas, na experiência que elas vivenciaram, tal condição representava o início de uma profissionalização em dança de salão.

Zamoner (2017, p. 117) explica que quem deseja ensinar, antes de ter suas próprias turmas, deve começar auxiliando e/ou monitorando turmas de dança de salão. Corroborando com o pensamento da autora, foi assim que ocorreu às professoras, após um período como bolsistas (assistindo aula e conhecendo práticas de ensino), tornaram-se monitoras. A partir da etapa de monitoria em aulas de professores e professoras, começaram a ter suas próprias vivências com ensino de modalidades da dança de salão.

Se tornaram professoras de dança de salão e assumiram suas próprias turmas, estando aptas a formar outras pessoas para seguir carreira e para dançar socialmente. O que ratifica um processo de formação histórico, ainda recorrente e próprio da área da dança, em que a vivência e envolvimento com a prática torna a pessoa apta ao ensino, muitas vezes seguindo os passos de quem teve como referência.

Além de relatarem seus processos formativos, as professoras comentaram como a formação é algo contínuo. Pois, para se manterem atuando com dança de salão, sobretudo com ensino, é necessário continuar estudando. Foram mencionados como caminhos de formação continuada: treinos de dança; cursos livres; formações de curta duração em dança de salão; pós-graduação em dança; vivências em outras linguagens artísticas e em outros segmentos de dança.

A questão norteadora 2 buscou saber como é atuar na dança de salão, diante do contexto heteronormativo que ela apresenta. Foram problematizados os primeiros momentos como professoras do segmento e das parcerias realizadas para ministrar aulas. As respostas indicaram que as professoras lidam com alguns desafios ao atuar em dança de salão, que serão abordados nos parágrafos seguintes.

Sobre formas de atuação de professoras, foram destacados dois tipos de situação: quem ensina sem parceria e quem ensinou em parceria por um período

de tempo, seguindo depois a carreira solo. Como a dança de salão começou a ser ensinada por homens, expõem que a figura masculina por muito tempo teve mais reconhecimento na sala de aula. Sendo a figura feminina, por um certo período, considerada como assistente do professor; mesmo sendo professora, não tinha voz ativa e nem reconhecimento na sala de aula.

Sabendo sobre esses possíveis desafios nos caminhos de atuação da professora em dança de salão, as entrevistadas buscaram em suas relações de parceria e em trabalhos solo, reafirmar a importância das duas perspectivas na dança a dois: da professora e do professor, do homem e da mulher, da pessoa condutora e da pessoa conduzida. Ou seja, estavam provocando e problematizando a questão de gênero no segmento, que é algo que ainda chega como um incômodo para muitas pessoas praticantes. Trata-se de uma temática pouco debatida, que merece relevante discussão, sobretudo, no que tange às metodologias de ensino.

Houve quem sempre reconheceu o preconceito em relação à atuação das mulheres na docência em dança de salão como machismo. Houve quem, na época de formação, não percebesse que era machismo. Hoje, após a problematização ser mais recorrente e a presença da mulher no segmento ser mais respeitada, compreende-se que situações que relataram ter observado ou vivenciado, além de machismo estrutural, também caracterizava o assédio moral na dança de salão.

Desse modo, compartilho trecho da fala de Kamille Carvalho acerca desses assuntos, em que afirma:

Eu me deparei várias e várias vezes, de eu tá na sala, começando a parte de aquecimento de aula, chegar aluno novato e perguntar: “Cadê o professor?” E eu: “Tô aqui.” “Sim, mas o professor, o homem.” “Tá aqui também.” “E tu vai conseguir passar as coisas pra eu aprender?” “Faça o teste”. Então, foi assim. Foram várias situações de ter gente, de olhar e não querer fazer aula. Eu sou uma professora e vou ensinar para damas e cavalheiros. Eu não preciso ter trejeitos masculinos pra ensinar um cavalheiro a conduzir e dançar bem. Eu tenho que saber o conteúdo que eu preciso passar pra ele, pra que ele seja um bom cavalheiro no salão. Eu não quero ser um cavalheiro, eu sou uma professora de dança de salão (CARVALHO, 2022).

A partir disso, apresento também a fala de Rosaly Afonso, quando baseada nas suas experiências, relata sobre as indagações que já recebeu por ser uma mulher que ensina dança de salão: “Uma professora? Uma mulher? Será que ela vai saber me dar aula? [comentário feito por homens] E, às vezes, de mulher. Tem mulher que não quer dançar com outra mulher; tem esse olhar preconceituoso, também” (FERREIRA, 2022).

Os desafios que se apresentaram ao longo da formação das três professoras, serviram de estímulo para potencializar suas carreiras profissionais. E, assim como hoje são referência na dança de salão, no início da formação também tiveram como referência mulheres que atuavam e tinham projetos de dança de salão em Recife, em outras regiões do Brasil e pelo mundo. Também se dedicaram a produzir os seus próprios projetos de dança de salão, como: Congresso de Danças de Salão “Aneska Zouk Congress” (Aneska França); Workshops de Ritmos Latinos (Kamille Carvalho); Grupos de Estudos e Workshops de Bachata: “Team Bachata Ladies” e “Recife Bachata Dance” (Rosaly Afonso).

A questão norteadora 3 buscou saber sobre estratégias metodológicas que as professoras em atuação solo costumam utilizar em suas aulas de dança de salão. As respostas tiveram em comum a escolha de trabalhar individualmente o movimento, fornecendo autonomia a quem está aprendendo, para depois formar pares e as pessoas estarem mais confiantes para executar figuras de modalidades do segmento. Escolhas que também dialogam com as propostas metodológicas impulsionadas e provocadas por mim enquanto estudante de dança e do segmento dança de salão. Buscando, possibilidades diferentes de ensino-aprendizagem, provocando mais autonomia e consciência corporal e de movimento nas pessoas que praticam essa dança, sobretudo, acerca das relações consigo, com o outro e com o espaço.

Metodologicamente, o plano de aula foi um recurso pedagógico citado, pois, cria uma estrutura acerca do conteúdo a ser ensinado, tornando-se uma referência para a aula. Contudo, se coloca como uma estrutura mutável, pois a partir dele podem surgir novas perspectivas ao longo da aula, a depender do perfil da turma. Cada pessoa tem a sua forma de reagir aos estímulos na dança a dois. Há quem se sinta mais confortável dançando com uma certa distância do

par. Já outras pessoas se sentem confortáveis em estar mais juntas corporalmente, por considerar se comunicar melhor nesse tipo de conexão.

Além das orientações de quem ensina, a prática ajuda a discernir qual será a melhor forma de comunicação ao dividir uma dança com alguém. Dessa forma, compartilho o pensamento da entrevistada Aneska França, que diz: “A missão dentro da dança de salão é muito maior do que a dança em si e o passo bonito. Você tá ensinando a pessoa a se comunicar melhor com o outro, com o seu corpo. Isso ajuda não só na dança, mas na vida pessoal” (FRANÇA, 2022).

Pensando sobre a comunicação a partir dos corpos, o processo de ensino-aprendizagem em dança de salão e a atenção ao planejar aulas que atendam às especificidades de cada turma, Kamille Carvalho afirma:

Eu tinha que aplicar aquela mesma técnica buscando chegar em um determinado objetivo porém de formas diferentes. E isso eu só consegui entender com a prática. Eu pratiquei e pratico bastante, pra poder entender como é que esses corpos vão funcionar. É a prática. Não tem outro segredo, é praticar. (CARVALHO, 2022).

Sobre uma mesma técnica pode haver muitas maneiras de ensinar. As questões apresentadas pela turma, sobre os processos de aprendizagem pessoais e coletivos, também são oportunidades para quem ensina pensar outros caminhos possíveis para uma mesma figura ou movimento individual, por exemplo. A prática de ensino não acontece apenas a partir de professoras e professores que apresentam saberes aos estudantes, mas também de estudantes que, ao expor suas dúvidas e inquietações, sugerem que outras perspectivas sejam pensadas por quem ensina.

Em relação a dar aulas sem parceria, foi mencionado ensinar as duas perspectivas de execução, correspondente ao papel que cada pessoa terá na dança. Também foi mencionado convidar as pessoas na aula para fazer a demonstração junto à professora, caso seja necessário. O importante é que as duas referências sobre a figura sejam apresentadas, quem ensina irá observar qual a metodologia mais adequada às características da turma.

Além do ensino solo, parceria fixa e parceria para eventos específicos, há também a proposta de aula com técnicas para damas. Também conhecida como “*lady style*”, essa proposta costuma ser direcionada às mulheres, sendo

trabalhada a expressividade e aprimoradas as habilidades individuais na dança de salão. Considerando as potencialidades que a proposta tem, mostra-se como uma oportunidade para se experimentar outras perspectivas na dança.

No evento Aneska Zouk Congress (2019), participei de uma aula de técnicas para damas. Nessa aula estava presente apenas um professor, que curiosamente, além da formação em Dança de Salão, também formou-se na Licenciatura em Dança. Foi interessante perceber a busca dele por esse conhecimento específico, direcionado às mulheres. De ter a sensibilidade de querer aprender, sendo homem. Reflito, a partir do meu contexto, que talvez, por ele ter uma graduação em Dança, isso tenha influenciado a participar da aula de técnicas para damas, pelas possibilidades que se ampliam na relação de formação ligada ao ensino de Dança na universidade. Talvez isso seja um indicador, talvez não. Mas são reflexões que faço a partir desse lugar que me encontro hoje enquanto pesquisadora, praticante de Dança de Salão e estudante da Licenciatura em Dança.

A questão norteadora 4, sobre o que é necessário para comprovar em contratos de trabalho a habilitação para o ensino de dança de salão, foram mencionadas duas formas de comprovação: inscrições na Delegacia Regional do Trabalho – DRT e no Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão – SATED. Quando se pede comprovação da formação, são as inscrições nesses órgãos que profissionais de Recife costumam apresentar, mas eles não são exclusivos da área de dança. Além deles, em Recife, há um outro facilitador que regulamenta exclusivamente essa profissão, a Associação Pernambucana de Dança de Salão – ASPEDS<sup>6</sup>.

Na região, para obter o registro profissional nessa área (artística/ensino), é necessário comprovar experiência, apresentando documentos como: currículo artístico; certificados de atividades formativas; publicações em veículos midiáticos; cartazes de divulgação de eventos e de atividades promovidas. Dependendo do tipo de contratação, nem sempre é requerido o registro,

---

<sup>6</sup> A Associação Pernambucana de Dança de Salão – ASPEDS foi criada em Recife - PE, no ano de 2017. Em parceria com o Sindicato dos Artistas e Técnicos em Espetáculos de Diversão no Estado de Pernambuco, a associação certifica profissionais de dança de salão da região. Após aprovação nas etapas escrita e prática do processo de certificação, é concedido o registro profissional, nas categorias “dançarino(a)” e “dançarino(a)/professor(a)”. Para saber mais, leia: EDITAL DE CONVOCAÇÃO 2021.1 | PROVA PRÁTICO-PROFISSIONAL. **ASPEDS**. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1tXaaGyhYRAixcVaFx8-EfO-DmfJQkrLo/view>.

principalmente quando já se tem carreira consolidada. Mas é importante tê-lo, pois é uma maneira de regulamentar a profissão.

Não há uma formação específica para a dança de salão, mas processos formativos, de caráter empírico e acadêmico. O requisito principal é a experiência. Assim, a formação ocorre – exclusivamente – pelo campo empírico. O que faz o segmento ter profissionais sem formação acadêmica ou com formação acadêmica em outras áreas do conhecimento. Graduação e pós-graduação em Dança não são requisitos para a atuação nessa área.

Conforme Dickow (2017):

Existem diversos Cursos Superiores de Dança no Brasil, de Licenciatura e Bacharelado, porém, até pela quantidade de conteúdos e modalidades de Dança, ou pelo foco do Curso contemplar uma ou outra área de trabalho, dentre as tantas possíveis, se torna muito difícil, para os cursos de Dança, um aprofundamento de conceitos e técnicas de uma modalidade específica (p. 125).

A Licenciatura em Dança também pode contribuir para o surgimento de praticantes e pesquisadores em dança de salão. Em Recife, como estudante do curso de Dança na UFPE, avalio que seja interessante que professoras e professores de dança de salão busquem a licenciatura, pois trabalham em um segmento que pode, e precisa também, ser explorado pelo curso de Dança da UFPE. A dança de salão é um segmento que está contido na área de conhecimento Dança, é importante que, assim como ocorre a outras vertentes da dança, a dança de salão também seja discutida nessa graduação. A presença de profissionais desse segmento no curso também amplia suas possibilidades de carreira na dança, sendo a carreira acadêmica um caminho para que conhecimentos sobre a dança de salão sejam potencializados nesse lugar em que também se formam professores, dançarinos, coreógrafos e artistas da dança.

Me conecto com os relatos das três professoras em aspectos formativos, também tendo passado por processos de seleção de bolsistas, experiências com monitoria de dança, de atuação solo e em parceria, além da condição de aluna-professora que me acompanha no processo de ensino e aprendizagem em dança, e sobretudo em dança de salão. Também me sinto contemplada com os

relatos sobre situações em que a capacidade de disseminar a dança de salão foi invisibilizada e subestimada.

Sempre fiz o esforço de buscar referências para fazer as conexões com a dança de salão ao longo da graduação, pois não conheci a dança de salão na Licenciatura em Dança. Talvez para muitas pessoas o primeiro contato prático e teórico com esse segmento tenha sido a partir do compartilhamento das minhas experiências e reflexões pessoais sobre o segmento. Me orgulho de ter escolhido esse posicionamento político, artístico e pedagógico na minha experiência de graduação.

#### **4. LICENCIATURA EM DANÇA NA UFPE E FORMAÇÃO EM DANÇA DE SALÃO: ATRAVESSAMENTOS POSSÍVEIS**

Independentemente do tipo de formação que a pessoa tenha, – seja empírica ou acadêmica –, há muitas oportunidades de campo e de enquadramento funcional para profissionais que atuam com docência em dança de salão, seja: professor(a), oficinairo(a), instrutor(a), personal dancer, artista da dança, etc. A formação nessa área não ocorre exclusivamente na universidade, mas a vivência em dança no ambiente universitário (graduação e pós-graduação em Dança) pode expandir horizontes na dança de salão.

Profissionais com formação acadêmica em Dança, além de ter a oportunidade de trabalhar com estudantes a prática que têm mais dedicação, se aprofundam em outras dimensões do ensino e vivenciam outros recursos para a prática de ensino em dança, como a consulta de documentos norteadores do ensino: Base Nacional Comum Curricular; Lei de Diretrizes e Bases da Educação; Parâmetros Curriculares Nacionais de Arte; Organização do Ensino de Arte no Ensino Médio, entre outros.

Sendo a formação acadêmica um requisito para o ensino de dança nas instituições da rede pública de educação básica, professoras e professores com formação empírica em dança não conseguem estar no quadro efetivo das escolas. Esse campo de atuação, se restringe, pois, a profissionais com formação de nível superior, no caso, com um curso de licenciatura. Para assumir o cargo efetivo em docência na rede pública de educação básica, é necessário inscrição em processo seletivo e/ou concurso público.

De acordo com relatos de profissionais da dança de salão do Recife, há quem tenha se dedicado, antes do surgimento do curso de Dança na UFPE<sup>7</sup>, à outra graduação. Outras pessoas simplesmente desconsideraram a graduação e investiram em outros caminhos de profissionalização em Dança, pela formação acadêmica ser difícil de conciliar com a rotina de trabalho que uma carreira artístico-pedagógica consolidada possui. Além disso, por mais que didática e metodologias de ensino sejam elementos da pedagogia da dança, também são elementos que a experiência proporciona aos profissionais da docência em dança de salão, ainda que não tenham formação acadêmica em Dança.

Dentre outros motivos citados por professoras e professores que não são formados pela Licenciatura em Dança, há quem atua apenas com a dança de salão em estúdios e escolas do segmento e não com outras vertentes e campos do ensino de dança. Sendo assim, a ideia de conhecer metodologias para o trabalho com outras faixas etárias e instituições de ensino da educação básica pública ou privada pode não interessar a profissionais que ensinam a dança de salão – na maioria das vezes – pela perspectiva andragógica, ou seja, com uma prática de ensino mais centrada no aprendiz e na maioria das vezes para aprendizes na fase adulta (GRANGEIRO, 2014, p. 89-90).

Professoras e professores de dança de salão precisarão aceitar o desafio de se colocar em situações que investigam outras dimensões do ensino e que investigam não só os aprendizes, mas também quem está no papel de ensinar. A graduação em Dança é uma grande oportunidade para conhecer novas abordagens sobre ensino, se perceber diante do ensino e trabalhar em sala de aula com quaisquer faixas etárias, seja a dança de salão como prática social e/ou como linguagem artística.

A graduação nos prepara para trabalhar com todas as pessoas, não só algumas; há, inclusive, disciplinas no curso com foco em cada etapa escolar e em técnicas de ensino conforme as características que se apresentem nas turmas, sem direcionar para linguagens específicas de dança. A partir disso, a relação com o aprendizado em dança de salão fora da universidade, fez-me

---

<sup>7</sup> A Licenciatura em Dança na Universidade Federal de Pernambuco - UFPE (Campus Recife) surgiu em 2009, o curso é integrado ao Departamento de Artes no Centro de Artes e Comunicação. “Sua implantação foi viabilizada através do Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), instituído em 2007, como parte do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE)” (MATOS, NUSSBAUMER, 2016, p. 856).

refletir sobre a importância de a temática de gênero ser trazida para o ambiente da dança de salão, pois outras perspectivas de proposição vão surgir na dança quando questões sobre esse tema forem discutidas em sala de aula.

A heteronormatividade é característica do segmento na maioria dos espaços de dança em Recife – corpos que atendem a esse padrão estabelecido pela sociedade, representada em quem ministra aula e em quem recebe o conteúdo. Assim, a minha experiência como estudante do curso de Licenciatura em Dança, a partir das minhas vivências e relações estabelecidas com o ensino da dança de salão, fizeram-me repensar situações referentes ao ensino. Nomenclaturas em relação à cada pessoa da dupla; *dama* e *cavalheiro*, por exemplo, não contemplariam a diversidade de gênero presente no curso da UFPE.

Ao ministrar aulas sobre fundamentos da dança de salão, em alguns momentos da graduação, busquei utilizar termos neutros em referência aos dois papéis que reconheço no segmento: pessoa condutora e pessoa conduzida. Inspirada pela prática de ensino das professoras – que fui aluna, das que observei e das que tive oportunidade de entrevistar –, considerei orientar o dançar a dois como, por exemplo: *o movimento é espelhado; se uma pessoa está avançando, a outra está recuando*. Além de estabelecer o pensamento de que a condução atravessa as duas pessoas nesse segmento de dança o tempo todo.

Estar inserida na Licenciatura em Dança e nos ambientes de formação em dança de salão me fez estar sempre buscando estabelecer relações e conexões entre elas, e delas com outros contextos. Fazendo isso para minha própria reflexão e para levar pautas sobre dança de salão para discussão – principalmente – no curso de Dança da UFPE, em atividades avaliativas e em outros momentos de compartilhamento de experiências na universidade ao longo da minha formação.

Mesmo entendendo que o foco da licenciatura está em aprender a explorar capacidades de criação e expressão por meio da dança, sem intenção de aprofundar em modalidades específicas, acontece de o curso contemplar uma ou outra área de trabalho. A falta de discussão sobre a dança de salão soa como um não reconhecimento do segmento como campo potente de conhecimento e atuação da Dança.

Compartilhar minhas experiências com a dança de salão na Licenciatura em Dança na UFPE foi um caminho e uma escolha para apresentar o segmento a quem não o conhecia, incentivar a busca da dança de salão como atividade e observá-la como possibilidade de carreira no ensino de dança. Também foi uma maneira de reivindicar representatividade para esse segmento, assim como para outras vertentes da dança, pois há vezes em que estudantes se deparam no curso com a preferência e supervalorização de algumas áreas em detrimento de outras, não sobrando espaço para compartilhar outros conhecimentos que pesquisam e aprender outros conhecimentos em dança que tenham interesse.

Observei as relações em comum entre a formação em Dança de Salão e a graduação em Dança, sobretudo na maneira em que as aulas de campo acontecem em cada uma dessas experiências. No contexto da licenciatura vivenciei espetáculos em teatros e outros espaços culturais, tendo a mesma vivência no contexto da dança de salão ao participar de mostras coreográficas e de frequentar eventos de dança social e bailes de escolas.

Assim como na graduação produzimos trabalhos de criação, sob orientação docente, na dança de salão também vivenciei essa experiência ao treinar com parceiro, sob orientação técnica para competir em um evento de dança de salão. Compartilhei essa experiência em uma disciplina eletiva de outro perfil curricular, com foco em Performance. Essa experiência contribuiu para o entendimento sobre etnografia relacionada à investigação da prática em dança (autoetnografia).

O que as práticas de ensino desses dois caminhos de formação mais me fizeram refletir foi sobre não reproduzir condutas que silenciem ou que impeçam diversificar na dança. É importante que nós, professoras e professores, pensemos sempre em criar espaços de diálogo que ampliem possibilidades no ensino da dança. Que não nos fechemos no que temos mais aprofundamento e nem em relação à outras dimensões da dança, pois novas perspectivas podem ser muito bem-vindas.

## **5. CONSIDERAÇÕES**

Como a dança de salão não compõe a matriz curricular do curso de Dança da UFPE, este trabalho é mais uma oportunidade de compartilhar conhecimentos

sobre esse segmento de dança e seus caminhos de formação. Assim como busquei fazer ao longo da minha trajetória no curso, propondo atividades representativas da dança que pratico, em: disciplinas no formato de oficinas e discussões sobre metodologias de ensino em dança.

Considerando a condição de aprendiz na qual me encontro na dança de salão, conheço os dois papéis que caracterizam o dançar a dois. Estar no processo de formação para o ensino nessa área é passear pelas duas perspectivas. Assim, independentemente da identidade de gênero das pessoas que estão no processo de aprendizagem, quem assume o compromisso de ensinar deve pensar estratégias que contemplem as duplas.

A desconstrução de papéis tem sido uma pauta levantada na comunidade da dança de salão. Aqui foi proposto discutir a desconstrução de papéis em relação a quem assume o compromisso de ensinar, nesse caso, a professora. Levando em consideração aspectos históricos, assim como os relatos das entrevistadas, pode-se observar que houve resistência em reconhecer a docência em dança de salão como profissão para a mulher. Pois, historicamente, a profissão esteve mais atribuída ao homem.

Mesmo que haja elementos da dança de salão considerados obsoletos na contemporaneidade, se faz importante valorizar o seu contexto de criação, de modo que ensinar requer construir oportunidades de aprendizagem. Assim, os caminhos existentes, ultrapassados ou contemporâneos, irão contribuir para a formação de novas configurações de ensino: seja na linguagem, na técnica, na didática ou na figura de quem irá ministrar a aula.

Escolher professoras de dança de salão do Recife para contribuir com o trabalho viabiliza o reconhecimento do segmento como campo de atuação dos estudantes do curso de Dança. Foi também uma oportunidade de registrar histórias da dança de salão dessa região, a partir das experiências de formação e atividade profissional relatadas pelas professoras. Tudo que vivi ao longo da minha formação em dança de salão, gerou o desejo de potencializar essas vozes no espaço acadêmico da dança ao qual também estou inserida: a Licenciatura em Dança.

## REFERÊNCIAS

ACSELRAD, Maria. A Transmissão de Saberes no Contexto das Culturas Populares e Tradicionais. **Anais Anda**. v. 2. 2011. Disponível em: <https://proceedings.science/anda/anda-2011/papers/a-transmissao-de-saberes-no-contexto-das-culturas-populares-e-tradicionais>. Acesso em: 26 abr. 2022.

ALMEIDA, Maria de. Um olhar sobre a prática da dança de salão. **Movimento & Percepção**. Espírito Santo de Pinhal, v. 5, n. 6, p. 129-134, 2005. Disponível em: <http://ferramentas.unipinhal.edu.br/movimentoepercepcao/viewarticle.php?id=41>. Acesso em: 02 mar. 2022.

CARVALHO, Kamille Mariah Alves de Carvalho. Kamille Carvalho: depoimento oral [2022]. Entrevista concedida a Camila Leonardo Quirino de Oliveira. Recife: 30 mar. 2022.

COSTA, Luciano Mello. **Samba de Gafieira: Um estudo comparativo entre duas Metodologias de Ensino**. 2013. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Dança) – Centro de Artes, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2013. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/danca/files/2014/06/VERSAO-FINAL-COREE%C3%87%C3%95ES-FINAIS-ok.pdf>. Acesso em: 15 abr. 2022.

DANÇANDO NA RUA DO RECIFE. **Na ponta do pé**, 2013. Disponível em: <https://www.napontadope.com/dancando-na-rua-do-recife/>. Acesso em: 26 abr. 2022.

DICKOW, Katusca Marusa Cunha. Características identitárias do ser professor de dança de salão. **Educação, Artes e Inclusão**. Florianópolis, v. 13, n. 1, p. 121-140, 2017. Disponível em: <https://www.revistas.udesc.br/index.php/arteinclusao/article/view/8338/pdf>. Acesso em: 03 mar. 2022.

EDITAL DE CONVOCAÇÃO 2021.1 | PROVA PRÁTICO-PROFISSIONAL. **ASPEDS**, 2021. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1tXaaGyhYRAixcVaFx8-EfO-DmfJQkrLo/view>. Acesso em: 02 maio. 2022.

FERREIRA, Maria Rosaly Afonso. Rosaly Afonso: depoimento oral [2022]. Entrevista concedida a Camila Leonardo Quirino de Oliveira. Recife: 22 abr. 2022.

FORTIN, Sylvie. (Trad. Helena Mello) Contribuições possíveis da etnografia e da auto-etnografia para a pesquisa na prática artística. **Cena**, Rio Grande do Sul, n. 7, p. 77-88. 2009. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cena/article/view/11961/7154>. Acesso em: 02 mar. 2022.

FRANÇA, Aneska Nascimento. Aneska França: depoimento oral [2022]. Entrevista concedida a Camila Leonardo Quirino de Oliveira. Recife: 29 mar. 2022.

FREIRE, Francisca Jocélia de Oliveira; ACCIOLY, Cecília Bastos da Costa. Em questões de gênero e normatividade, quantos passos avançamos no salão? **PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG**, Belo Horizonte, v. 11, n. 22, p. 1-13. 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistapos/article/view/25827>. Acesso em: 28 mar. 2022.

GRANGEIRO, Marcelo. **Ai, pisaram no meu pé!** : um novo conceito em aprendizagem e ensino na dança de salão. São Paulo: Scortecci, 2014.

LIMA, Ishad Jordan Pegado Freire de. **Dois corpos que dançam**: aspectos históricos, vivenciais e reflexivos da dança de salão. 2018. Trabalho de conclusão (Licenciatura em Dança) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2018. Disponível em:

<https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/34511/1/LIMA%2c%20Ishad%20Jordan.pdf>. Acesso em: 08 mar. 2022.

MATOS, Lúcia; NUSSBAUMER, Gisele (Coord). **Mapeamento da dança**: diagnóstico da dança em oito capitais de cinco regiões do Brasil. Salvador: UFBA, 2016.

Disponível em: <http://www.mapeamentonacionaldadanca.com.br/wp-content/uploads/2016/08/Relatorio-Mapeamento-Resultado.pdf>. Acesso em: 26 abr. 2022.

OLIVEIRA, Camila Leonardo Quirino de; SANTOS, Bianka Roberta Santana dos; SIQUEIRA JÚNIOR, Arnaldo José de. Iniciação à dança a dois – o contato: oficina de recepção aos licenciandos em Dança da UFPE. **Anais Abrace**, v. 21, n. 1, 2021.

Disponível em:

<https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/abrace/article/view/5333/5096>.

Acesso em: 09 mar. 2022.

PAULA, Daniel Augusto Meira de. **Dança de salão**: história e evolução. 2008.

Trabalho de conclusão (Licenciatura – Educação Física) – Instituto de Biociências de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2008. Disponível em:

[https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/120432/paula\\_dam\\_tcc\\_rcla.pdf.?sequence=1](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/120432/paula_dam_tcc_rcla.pdf.?sequence=1). Acesso em: 02 mar. 2022.

POLEZI, Carolina; SILVEIRA, Paola de Vasconcelos. Contracondutas no ensino e prática da Dança de Salão: a dança de salão queer e a condução compartilhada.

**Presencia**, Montevideo, n. 2, p. 67-83. 2017. Disponível em:

<https://www.stellamaris.edu.uy/revistapresencia/wp-content/uploads/2017/12/Polezi-Carolina.-Vasconcelos-Silveira-Paola.pdf>. Acesso em: 25 mar. 2022.

PRADOS, Vitória Pinheiro. **Professores de dança de salão**: uma pesquisa-reflexão sobre essa atuação. 2018. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Dança) – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás, Aparecida de Goiânia, 2018. Disponível em:

[https://repositorio.ifg.edu.br/bitstream/prefix/295/1/tcc\\_Vit%c3%b3ria%20Prados.pdf](https://repositorio.ifg.edu.br/bitstream/prefix/295/1/tcc_Vit%c3%b3ria%20Prados.pdf).

Acesso em: 03 mar. 2022.

SILVA, Suzanne Rhaquel Guerra da. **Reflexões sobre o ensino de dança de salão enquanto uma expressão das danças sociais**. 2014. Trabalho de conclusão de curso (Licenciatura em Dança) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014. Disponível em:

[https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/34498/2/Suzanne\\_Rhaquel\\_Guerra\\_da\\_Silva.pdf](https://repositorio.ufrn.br/bitstream/123456789/34498/2/Suzanne_Rhaquel_Guerra_da_Silva.pdf). Acesso em: 03 mar. 2022.

WITTMER, Brigitte. **Dança a dois**: a proposta para um diálogo ampliando as possibilidades. 2017. Monografia de conclusão de curso de graduação em Licenciatura Plena (Licenciatura em Dança) – Faculdade Angel Vianna, Rio de Janeiro, 2017.

Disponível em:

[https://www.academia.edu/34554282/DAN%C3%87AR\\_A\\_DOIS\\_A\\_PROPOSTA\\_PAR\\_A\\_UM\\_DI%C3%81LOGO\\_Ampliando\\_as\\_possibilidades](https://www.academia.edu/34554282/DAN%C3%87AR_A_DOIS_A_PROPOSTA_PAR_A_UM_DI%C3%81LOGO_Ampliando_as_possibilidades). Acesso em: 02 mar. 2022.

ZAMONER, Maristela. **Etiqueta para dança de salão**: primeiros passos. Curitiba: Comfauna, 2017. Disponível em:

[https://www.researchgate.net/publication/326561168\\_Etiqueta\\_para\\_danca\\_de\\_salao\\_primeiros\\_passos](https://www.researchgate.net/publication/326561168_Etiqueta_para_danca_de_salao_primeiros_passos). Acesso em: 03 mar. 2022.

**APÊNDICE A****ANUÊNCIA PARA USO DE RELATO EM TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

Eu, \_\_\_\_\_, portadora do CPF nº \_\_\_\_\_, declaro, para os devidos fins, que sou participante da entrevista e autorizo a utilização do relato de experiência para fins acadêmicos pela aluna Camila Leonardo Quirino de Oliveira, do curso de Licenciatura em Dança do Departamento de Artes da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), em seu trabalho de conclusão de curso que tem como orientador profº Jefferson Elias de Figueirêdo.

Estou ciente de que os procedimentos do trabalho incluem uma entrevista semiestruturada e registros em áudio e/ou vídeo para transcrição dos relatos para o trabalho de conclusão de curso da aluna, que tem como tema “Dança de Salão: impressões e percepções sobre formação e prática de ensino”.

Tenho a garantia da aluna responsável que nenhum procedimento que coloque em risco a minha imagem será realizado.

Recife, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2022.

---

Assinatura da entrevistada

## APÊNDICE B

### ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA

1. Como aconteceu a sua formação em dança de salão?
2. Como é ser professora de um segmento originalmente heteronormativo como a dança de salão?
3. Sem a participação de parceiro ou parceira, quais as estratégias metodológicas que costuma utilizar para ministrar aulas de dança de salão?
4. Ao ser contratada por um espaço para ministrar aulas, o que é necessário para comprovar a habilitação em dança de salão?

## ANEXO

### Diretrizes para Autores da Revista Cena - UFRGS (Qualis B1 Artes/Música / B3 Educação)

Disponível

em: <<https://seer.ufrgs.br/cena/about/submissions#authorGuidelines>>.

## Diretrizes para Autores

Cena é aberta a professores e pesquisadores, doutores ou doutorandos em Artes Cênicas e áreas conexas. Submissões de mestres ou de mestrandos bem como de graduados serão avaliadas desde que em co-autoria. Cena compõe-se das seguintes seções:

**Artigos originais:** trabalhos resultantes de pesquisa acadêmica. Sua estrutura deve atender a um formato reconhecido na área de conhecimento específica (Artes) e deve conter pelo menos os seguintes itens: Introdução; Bases Teóricas; Abordagens Metodológicas; Considerações. Serão aceitos artigos originais escritos em espanhol sem a necessidade de tradução.

**Conexões:** artigos não-inéditos, escritos originalmente em outro idioma que não o português e o espanhol, traduzidos para o português.

**Entrevistas:** trabalhos resultantes de entrevistas realizadas com personalidades das artes (diretores, atores, coreógrafos, bailarinos, etc.). Sua estrutura deve conter uma introdução, na qual se apresenta o entrevistado e a seguir, entrevista transcrita e revisada.

**Ensaio:** seção destinada a artigos de revisão e/ou reflexão sobre um determinado tema ou trabalho cênico, apontando para possíveis conclusões e/ou novas interpretações, sem ter a necessidade de sustentação em base empírica.

**Resenhas:** seção destinada a análises críticas de obras que tenham sido lançadas recentemente ou livros clássicos reeditados que tenham relação direta com o escopo da revista. Não serão aceitos manuscritos sobre obra de qualquer natureza (lançamento ou reedição) que já possua resenha publicada.

As seções Ensaio e Resenhas terão sua publicação conforme decisão da Comissão Editorial.

As submissões deverão obedecer aos seguintes requisitos:

1. Texto inédito no Brasil, não tendo sido publicado em outro periódico científico ou livro e que aborde quaisquer dos diversos aspectos das artes cênicas sob a forma de artigo, ensaio, crítica ou atualização bibliográfica, resenha de livro ou hiperímia.

2. O envio de todas as submissões deverá ser feito através da plataforma eletrônica <http://seer.ufrgs.br/cena>

**3. Os trabalhos serão submetidos à avaliação de dois pareceristas. O autor será informado da necessidade de alterações ou adaptações no texto, caso sejam solicitadas nos pareceres.**

**4. Os trabalhos devem apresentar as seguintes características: devem ser escritos em fonte Arial 12; folha A4; espaçamento entre linhas 1,5; margem superior, inferior, direita e esquerda 2,5cm. Os artigos e ensaios devem ter extensão de 20 a 40 mil caracteres com espaço. As resenhas e críticas, de 3.500 a 5 mil caracteres com espaço.**

**5. Todas as folhas devem ser numeradas na margem superior direita com numeração corrida.**

**6. A primeira página do texto deve conter o título do trabalho em letra maiúscula, centralizado, negrito e espaçamento simples. Abaixo, o título em inglês, com a mesma formatação.**

**7. Os artigos devem conter Resumo e Abstract com no máximo 300 palavras, espaçamento simples e em um único parágrafo. A seguir, devem constar as palavras-chave e keywords (mínimo de três e máximo de cinco).**

**8. Para citações bibliográficas, usar os seguintes sistemas: citação direta: (Autor, data, página) e paráfrase: (Autor, data).**

**9. Citações com até três linhas devem aparecer no corpo do texto, entre aspas. Citações com quatro ou mais linhas devem vir em bloco, espaçamento simples, fonte Arial 11, recuado 4cm da margem esquerda do texto.**

**10. Ilustrações e tabelas devem ser numeradas em arábico, consecutivamente, sempre que possível na ordem em que aparecem no texto. Para cada uma, indicar fonte: dados bibliográficos, autor, data, título e página. Para todas as referências às ilustrações e tabelas no texto, empregar, respectivamente, as abreviaturas Fig. e Tab. Acima das ilustrações devem vir seus respectivos títulos.**

**11. As referências devem aparecer no final do texto, em ordem alfabética, sob o título "REFERÊNCIAS" e devem obedecer às normas da ABNT.**

**12. O (s) nome(s) do(s) autor(es), bem como seu(s) vínculo institucional(is) devem constar somente nos metadados. No texto propriamente dito não pode haver nenhuma forma de identificação de autoria.**

**ATENÇÃO:** Para a submissão de artigo para a Revista Cena é preciso fazer login em nosso sistema e no canto direito da aba "Página do Usuário" encontrará a opção "Nova Submissão". Caso essa opção não apareça para você, aconselhamos entrar no seu perfil e verificar se a opção "Autor" está marcada, caso ela não esteja, marque-a e

salve as modificações. Voltando para a página de usuário aparecerá a opção "Nova Submissão" e então é só seguir os passos que ali indicam.

## Condições para submissão

Como parte do processo de submissão, os autores são obrigados a verificar a conformidade da submissão em relação a todos os itens listados a seguir. As submissões que não estiverem de acordo com as normas serão devolvidas aos autores.

1. A contribuição é original e inédita, e não está sendo avaliada para publicação por outra revista; caso contrário, justificar em "Comentários ao Editor".
2. Os arquivos para submissão estão em formato Microsoft Word, OpenOffice ou RTF (desde que não ultrapasse os 2MB)
3. Todos os endereços de páginas na Internet (URLs), incluídas no texto (Ex.: <http://www.ibict.br>) estão ativos e prontos para clicar.
4. Os trabalhos devem apresentar as seguintes características: devem ser escritos em fonte Arial 12; folha A4; espaçamento entre linhas 1,5; margem superior, inferior, direita e esquerda 2,5cm. Os artigos e ensaios devem ter extensão de 20 a 40 mil caracteres com espaço. As resenhas e críticas, de 3.500 a 5 mil caracteres com espaço.
5. O texto segue os padrões de estilo e requisitos bibliográficos descritos em **Diretrizes para Autores**, na seção Sobre a Revista.
6. A identificação de autoria deste trabalho foi removida do arquivo e da opção Propriedades no Word, garantindo desta forma o critério de sigilo da revista, caso submetido para avaliação por pares (ex.: artigos), conforme instruções disponíveis em **Asegurando a Avaliação por Pares Cega**.